

3500 km para fechar os planos

Os cinco trabalhos
vencedores
do concurso
«**Vamos fazer um plano**»,
destinado a alunos
do 3.º ciclo do ensino
básico e do ensino
secundário

Especial de 16 páginas



Viana do Castelo



Braga



Guimarães



Penafiel



Albergaria-a-Velha

Vamos fazer um plano O concurso

É como “ganhar um bilhete dourado para a fábrica de chocolate do Willy Wonka”

Vencer o concurso foi o primeiro passo. O momento seguinte viveu-se na redação do PÚBLICO, onde estudantes se ocuparam dos seus trabalhos sobre cantarinhas, Vaivém, tecelagem, "Júlia Muleta", bolas de Berlim. *Por Ana Paredes e Cláudia Lobo*

O plano é vosso. Vocês é que decidem.” A frase de Bárbara Simões, jornalista e coordenadora do projeto PÚBLICO na Escola, resume o espírito do que ao longo de quase duas semanas aconteceu na redação do jornal, em Lisboa. Alunas e alunos de vários pontos do país, vencedores do concurso “Vamos fazer um plano”, participaram na última etapa de um trabalho iniciado meses antes, quando transformaram histórias das suas terras em textos e fotos apresentados para vir a ocupar duas páginas de jornal (o chamado “plano”).

Chegaram de longe, em dias com temperaturas escaldantes, cheios de vontade de ver como funcionava um jornal e de ultimar as suas reportagens e entrevistas, durante as mentorias previstas no concurso. Saíram a perceber que,

para ser publicada num jornal, uma reportagem não termina quando se coloca o último ponto final. Antes de chegar ao leitor, há que discutir títulos, aperfeiçoar entradas, reconfirmar fontes e informações, comparar fotografias, dar atenção às legendas e construir páginas. Foi neste lado menos visível do jornalismo que mergulharam.

Sexta-feira, 19 de junho, final da manhã. Soraia Rocha, autora de um dos cinco trabalhos premiados, e as colegas Benedita Moreira, Catarina Cruz e Lara Pinto tinham começado o dia às 6h30. Comboio de Penafiel até Campanhã, autocarro para Lisboa. Já na redação do PÚBLICO, adiantava-se trabalho antes de descer para almoçar. À volta da mesa da sala de reuniões, uma das questões a resolver dizia respeito ao título: dava-se destaque à ideia de haver cada vez menos pessoas a saber trabalhar o linho ou ao interesse que alguns jovens manifestam por esta

arte? Soraia, aluna do 8.º ano, não hesita: prefere falar dos mais novos. Quando, depois, a proposta gráfica para o plano apareceu no ecrã, a reação foi imediata. “Ai, que giro!”

Promovido pelo PÚBLICO na Escola e pelo Plano Nacional das Artes, o concurso “Vamos fazer um plano” desafia alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário a preparar trabalhos jornalísticos sobre temas de cultura. Anunciados os cinco vencedores, sucedem-se as mentorias e um caderno especial com o PÚBLICO.

A ligação das alunas do Agrupamento de Escolas de Penafiel Sudeste à tradição não começou com a entrevista a uma tecedeira da zona. Já tinham falado com artesãos para outro projeto, internacional, e estiveram envolvidas em programas de rádio sobre iniciativas da associação Entre Nós e Laços.

Durante algum tempo, o estúdio da rádio escolar deixou de existir. As

obras na escola obrigaram a improvisar: as reportagens eram gravadas no telemóvel e enviadas para a Rádio Clube de Penafiel, onde os programas eram montados. O jornal da escola continuou a sair em papel. A rádio resistiu como pôde.

“É muito rudimentar, temos é muita vontade”, resume Sónia Bentinho, professora e diretora de turma das quatro alunas que visitaram o PÚBLICO. “O nosso interesse é despertar mentes”, acrescenta Paula Rento, também professora.

Benedita saiu da redação a admitir que o jornalismo passou a ser uma de muitas hipóteses para o futuro. As colegas levaram uma certeza: por trás de duas páginas de jornal há muito mais trabalho do que imaginavam.

Proximidade e identidade

No caso dos alunos do Colégio do Minho, em Viana do Castelo, o título parecia resolvido. “Um almoço à por-



O grupo de Albergaria-a-Velha com o diretor do PÚBLICO, David Pontes, na última mentoria, a 1 de julho. Em baixo: os alunos de Viana do Castelo e as alunas de Braga na redação do jornal, na semana anterior

tuguesa” descrevia bem o que Miguel Lima, Pedro Gonçalves e Rodrigo Fernandes, do 9.º ano, tinham escrito. Mas, na redação do PÚBLICO, uma pequena mudança foi suficiente para enriquecer as páginas.

“E se fosse ‘Um almoço à minhota’?” , sugeriu Bárbara Simões. A proposta recolheu entusiasmo. O novo título aproximava o trabalho do território que procurava retratar e vinculava-lhe a identidade.

A seguir, para a página ímpar, havia que escolher um título que correspondesse a uma frase dita pela entrevistada. E repensar a lógica de “arrumação” das fotos (mais destaque ao arroz de sarrabulho e às bolas de Berlim).

A tarefa do grupo ia bem encaminhada e foi interrompida apenas quando Sérgio Magno, jornalista do PÚBLICO especializado em tecnologia, se aproximou da sua mesa de trabalho. O exuberante monitor curvo do computador com que trabalha suscitara enorme curiosidade aos alunos, era agora o momento de satisfazê-la. Sucederam-se as perguntas (e as respostas).

Os alunos, acompanhados pela professora Fátima Simões, responsável pela área de Mente, Arte e Reflexão (MAR), conheceram ainda - como todos os grupos vencedores - as diferentes secções do jornal, guiados por Isabel Anselmo, e ouviram a história resumida do PÚBLICO, recuando aos primeiros anos, quando existia apenas em papel.

No final, Miguel Lima encontrou a imagem que melhor resumia o dia: “Comparo esta experiência a ganhar um bilhete dourado para a fábrica de chocolate do Willy Wonka” (personagem de um livro infantil adaptado ao cinema).

E Pedro Gonçalves acrescentou: “Foi uma oportunidade que provavelmente só vamos ter uma vez na vida. Consegui aprender muito e vai ser uma coisa de que me vou lembrar durante muito tempo.”

Cantarinha na redação

Dois dias depois dos alunos de Viana do Castelo, a 25 de junho, foi a vez de o PÚBLICO receber o grupo de Guimarães: Beatriz Bertan, Rafaela Fernandes, Ana Catarina Pinto e Maria Couto, alunas do 12.º ano na Escola Secundária Francisco de Holanda; e as professoras Fernanda Freitas e Manuela Torres Paredes.

O plano vencedor ocupava- ➔



Vamos fazer um plano O concurso

-se da Cantarinha dos Namorados. Havia várias hipóteses para alterar o título. Beatriz Bertan quis saber qual delas preferia Bárbara Simões. E foi então que a jornalista respondeu: “Eu posso dizer que gosto mais de uma frase, mas o plano é vosso. Vocês é que decidem.” Ganhou “Dizem que o barro tem memória, mas em Portugal ele tem coração”. Um título longo, num plano com várias fotos.

“Ficou mesmo muito bonito”, comentou-se. Quase tão bonito quanto a cantarinha decorada que trouxeram, de surpresa, para mostrar a quem estava na sala.

Para Beatriz Bertan, a reportagem para o “Vamos fazer um plano” permitiu conhecer melhor “a cultura de Guimarães e um dos marcos mais importantes da olaria”. Rafaela Fernandes, que quer estudar Ciências da Comunicação, encarou esta tarde na redação como uma mais-valia: “Para quem se interessa pelo jornalismo, esta experiência é muito importante.”

Trabalhar para o 6

“Os professores passam 90% do seu tempo a pensar como recuperar os alunos mais fracos e os melhores alunos acabam por ficar prejudicados por isso”, diz, um dia depois, Daniel Caridade, professor de Educação Visual no Agrupamento de Escolas de Trigal de Santa Maria, em Tadim, uma freguesia do concelho de Braga, quando lhe perguntamos porque convidou Bruna Faria e Leonor Pinto, ambas com 14 anos e ambas alunas do 9.º ano, a participar no concurso. “Os professores estão mais preocupados em trabalhar com os alunos que têm 2 e 3 do que em arranjar coisas para o 6. Foi para trabalhar para o 6 que as convidei”, explica.

As duas alunas - que, já se percebeu, “coleccionam” cinco - superaram de facto, a escala. A reportagem dá a conhecer o Projeto Vaivém, que leva artistas a duas escolas do 1.º ciclo. Um trabalho hercúleo e meticuloso, que lhes fez desaparecer num ápice as férias da Páscoa, passadas a escrever, literalmente a quatro mãos, o artigo. “Entrevistámos os dois artistas que trabalham no projeto, os professores e os 16 alunos de Ruilhe”, conta Leonor, enquanto Bruna procura no telemóvel o *link* para a *drive* onde colocaram os áudios e a transcrição das entrevistas e as fotografias.

O gesto de Bruna é uma resposta ao repto de Bárbara Simões: “Há várias pessoas no texto a falar sobre o projeto, mas não citam nenhum aluno. A reportagem ficaria valorizada se acrescentassem frases dos alunos.” Leonor conta que não o fizeram porque as respostas foram curtas, não desenvol-



FOTOGRAFIAS: RUI GAUDÊNCIO



As alunas de Guimarães (em cima) e as de Penafiel (em baixo) partilham o interesse por tradições que vão resistindo ao tempo: a Cantarinha dos Namorados e a arte de moldar o barro; e o saber trabalhar o linho e manejar um tear

veram muito as ideias. Isso “não empobrece a reportagem”, justifica Bárbara. “Pelo contrário, valoriza-a, porque é a voz dos próprios alunos. Para quem lê o texto, é interessante ter o projeto explicado por eles”,

alunos do 1.º ciclo. E o que foi mais interessante, para as autoras da reportagem, naquilo que descobriram com este trabalho? “Não imaginava que miúdos do 3.º ano fossem capazes de fazer objetos e máquinas tão espetaculares”, responde Bruna, sublinhando ainda que estes alunos têm de estar muito orgulhosos pelo que conseguiram

construir. “Eles pensavam em soluções para o que não funcionava nos objetos que tinham imaginado, é incrível!”, acrescenta Leonor.

Orgulhosos estão também, além do professor Daniel Caridade, os pais de Bruna e Leonor, que esperam pacientemente, sentados em sofás no meio da redação, que termine a mentoria de Bárbara Simões com as filhas. “Fui eu quem convidou os pais a virem connosco a Lisboa conhecer o PÚBLICO”, revela Daniel Caridade. “É que o prémio também é para eles, por terem filhas tão trabalhadoras e empenhadas. Os pais

têm sempre um trabalho nos bastidores, muito importante.”

Em Albergaria-a-Velha, todos conheciam “Júlia Muleta”. Não da mesma forma. As alunas que agora escreviam a sua história nunca tinham convivido com ela, mas o nome continuava presente na memória da cidade. Estava nas ruas, nas histórias contadas pelas pessoas e nas castanhas que vendia todos os outonos em vários locais.

Um “trabalho-zero”, para ver se daqui nascem outros

Foi esta personagem que cinco alunas do Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha decidiram recuperar no trabalho que trouxe quatro delas à redação do PÚBLICO, no primeiro dia de julho. Rita Madureira e Mariana Alves (do 12.º ano), Carolina Letra e Maria Silva (do 9.º) chegaram acompanhadas pelo professor Francisco Cardoso Lima e pelas professoras Isabel Santos e Ana Paula Vieira. No trabalho estiveram ainda envolvidas Mafalda Alves, uma das autoras, e a professora Ana Sofia Melo.

A investigação aos lugares por onde Júlia Muleta passou (descobriram que os espaços também contam histórias) e também ao arquivo municipal. Rita Madureira aproveitou para destacar esta visita ao arquivo. “Foi muito positiva. Sinto que na nossa faixa etária o seu poder não é muito valorizado.” Para a aluna, descobrir aqueles documentos foi perceber que a história também se encontra nos locais que, à primeira vista, parecem mais aborrecidos: “O arquivo é uma fonte para o nosso passado, mas também mostra o nosso presente e o nosso futuro.”

Esta passagem pela redação reforçou a ideia de que uma reportagem pode criar uma ponte entre tempos diferentes. “O nosso trabalho foi sobre a Júlia Muleta, alguém com quem a nossa geração não contactou, mas com quem tivemos uma relação, como se tivéssemos vivido no tempo em que ela viveu.”

Para o professor Francisco Cardoso Lima, havia naquela história uma força especial. Surgiram outras figuras da comunidade, mas Júlia destacava-se. A ideia, agora, é não parar: “O vosso concurso serviu como ‘trabalho-zero’, para ver se daqui nascem outros”, na mesma linha, contou.

Para já, “a oportunidade que tivemos ajuda-nos muito a perceber também a parte prática do jornal; esclareci muitas dúvidas”, garante Maria Silva, antes do regresso a Albergaria-a-Velha.

Ida e volta, os cinco grupos percorreram 3500 quilómetros. Depois de alguns retoques, os planos distinguidos ficaram prontos a ser publicados neste caderno especial.

Ou, por outras palavras, os planos estão agora “fechados”, como dizem nos jornais.

Um plano de comunidade

Opinião



David Pontes

Há uma emoção especial sempre que chega a altura de conhecer os resultados do concurso “Vamos fazer um plano”. Sabemos, pela experiência, que acabaremos por ser surpreendidos com histórias que não conhecíamos e que, sem o sabermos, estávamos a precisar que nos contassem. Mesmo publicando mais de uma centena de notícias por dia, há um mundo que nos escapa e que, graças aos alunos participantes nesta iniciativa, temos a preciosa oportunidade de ver entrar nas nossas páginas.

Histórias como a de “Júlia Muleta”, recuperada do esquecimento e fixada num plano de jornal, que estudantes de Albergaria-a-Velha querem que sirva de pretexto para uma reflexão sobre o seu “património”, sobre a sua “comunidade”. Ou o depoimento de Carolina Santos,

tecedeira, testemunho vivo de artes que correm risco de extinção, se a palavra não passar, se não houver um olhar de carinho como o que lhe dedicam alunas de Penafiel.

Gentes e tradições que formam identidades, que dão substância à diferença, como a Cantarinha dos Namorados, de Guimarães, ou o gesto de encher uma mesa com os manjares do Minho, em Viana do Castelo. Mas também histórias de inovação, como a do projecto Vaivém, em Braga, que leva a arte para a sala de aula e permite aos alunos perseguir sonhos possíveis e impossíveis, como criar uma “máquina-aquário”.

O PÚBLICO abre as suas páginas às escolas e, em troca, recebe

O jornalismo é uma ferramenta de cidadania, ajudando os jovens repórteres a integrar nas escolas um mundo que fazem seu

Reconhecimento

Opinião



Paulo Pires do Vale

Não posso escrever, como Ruy Belo, que “Espero pelo verão como por outra vida”, mas sinto uma alegria incontida por poder escrever, nesta altura do ano, este texto de introdução ao suplemento *Vamos fazer um plano*. Nestas páginas fica bem explícito o que procuramos realizar todos os dias com a implementação do Plano Nacional das Artes, em todo o território: aproximar de forma significativa as artes e os patrimónios, na sua diversidade, dos cidadãos - em particular, das crianças e dos jovens. Permitir encontros inesperados e transformadores, assumindo as escolas como centros culturais exigentes, e as instituições culturais, os museus, as associações, os teatros, as ruas das cidades e das aldeias como espaços e tempos educativos e um recurso fundamental para que a escola

possa cumprir a sua missão: dilatar o mundo de cada aluno e indistinar as suas vidas.

Os “planos” aqui reunidos são um contributo notável para o reconhecimento de práticas culturais e patrimónios vivos, que muitas vezes não são devidamente valorizados: reconhecer o património próximo e vivo, do nosso km2, é atestar a sua importância e relevância; reconhecer os cidadãos, a começar nos alunos e professores que deram atenção ao que tantas vezes fica na sombra, como agentes culturais e já parte integrante da comunidade cultural, capazes de agir em nela e terem um papel crucial na constituição de um espaço comum; reconhecer o papel insubstituível

Estes trabalhos são excelentes exemplos do que acontece em muitas escolas e instituições culturais de todo o país

retratos bem vivos que mostram como o jornalismo é uma ferramenta de cidadania, ajudando os jovens repórteres a integrar nas escolas um mundo que fazem seu. Descobrir, questionar e divulgar estão na essência da nossa profissão. Iniciativas como este “Vamos Fazer um Plano” ajudam a construir comunidade, a descobrir o que nos é próximo, mas que, tantas vezes, se revela mais estranho do que o universo a que assistimos no ecrã de um telemóvel.

Na sua quinta edição, o concurso “Vamos fazer um plano” continua a fazer pleno sentido, integrado no projecto de literacia mediática PÚBLICO na Escola. Uma iniciativa que acontece graças ao Plano Nacional das Artes e aos nossos parceiros do PÚBLICO na Escola: Ministério da Educação, Ciência e Inovação, Fundação Belmiro de Azevedo, BPI/Fundação “la Caixa” e Visapress.

A todos eles, o nosso agradecimento. E os parabéns aos vencedores deste ano.

Director do PÚBLICO

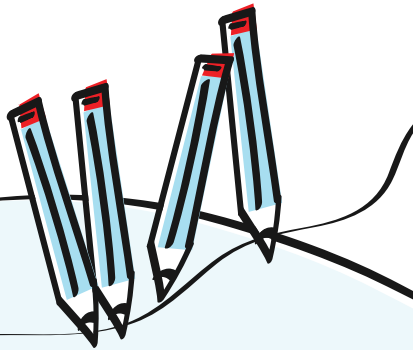
Desde 1990 que o projecto PÚBLICO na Escola contribui

para o desenvolvimento do pensamento crítico e literacia mediática nas escolas.

Mas o nosso trabalho não seria possível sem o apoio de parceiros.



EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO



Obrigado pelo apoio!

Porque estar informado é aprender a conhecer o mundo.



Vamos fazer um plano **Tecelagem**

"Há muita gente nova com curiosidade em conhecer a arte de trabalhar o linho"

Carolina Santos Tecedeira há mais de 50 anos, foi entrevistada por uma aluna do Agrupamento de Escolas Penafiel Sudeste. Aos jovens "diria para não desistir, porque isto é uma profissão muito bonita, não se devia deixar morrer". *Por Soraia Rocha, 8.ºC*

Entrevista

Preservar as tradições é guardar a memória viva de quem somos. Num mundo onde tudo muda rapidamente, os ofícios antigos continuam a contar histórias que não podem ser esquecidas. Foi com este espírito que entrevistámos a dona Carolina Santos, uma tecedeira da nossa comunidade, guardiã de um saber que atravessa gerações. Na sua voz ecoam o trabalho, a

paciência e a criatividade que fazem do tear muito mais do que uma ferramenta. **Há quanto tempo trabalha como tecedeira?** Trabalho como tecedeira há mais de 50 anos, porque, quando saí da escola, o meu pai deu-me um tear antigo para começar a trabalhar. Custou 300 escudos. **Como começou a interessar-se pela tecelagem?** A minha família já trabalhava na tecelagem. Toda a gente, antigamente, tinha teares em casa e trabalhava o linho. Então eu comecei a trabalhar porque a

minha família já se dedicava há muito tempo. Começávamos com tiras, a fazer tapetes, mantas e passadeiras. Só depois, aos poucos, é que íamos começando a ir para outros trabalhos mais finos, mais exigentes. **O que a motiva a continuar esta profissão?** O que me motiva não é o dinheiro, porque a tecelagem é uma arte que exige muito tempo, muita dedicação, muitas horas a trabalhar e ninguém paga o valor desse tempo. Sempre estive ligada a isto, gostei e continuo a gostar deste trabalho.



Pode explicar como funciona o processo da tecelagem? O processo de tecelagem vem do linho e é um processo que dá muito trabalho, porque o linho é semeado, é espadelado [batido], é fiado, depois lavado, estopado até chegar ao ponto de poder ir para o tear, em branco ou em cru. **Quais são as fases, desde que se semeia o linho até ao produto final?** É assim: o linho é semeado em abril, depois em maio já está a crescer. Nasce uma flor azul, onde está a semente do linho. Chama-se baganha, aquela parte que quando



FOTOGRAFIAS: SÓNIA BENTINHO

larga a flor é a semente. Daí é ripado e depois vai, aos molhos, para um ribeiro ou para uma presa e está ali três semanas a demolhar. De seguida, é tirado e é posto a secar num monte ou numa parte de erva bravia para secar. Quando está seco, vai para um moinho para moer. Então fica todo relado, tem aquela casca, dentro sai um fiinho e fica com a casca pegada. A partir daí, fazem-se umas molhas de linho, vai para espadelar; é com uma espadela [de madeira]ou num cortiço. Aqui na nossa zona é mais o cortiço. O que cai no fundo são os tomentos. Depois passa para o sedeiro, onde é assedado e o fio mais grosso, que é a estopa, sai para fora; fica o linho mais fininho, porque nós temos linho, estopa e tomentos que eram usados, antigamente, para fazer as camisas para os lavradores, os lençóis, ou seja, roupa do dia a dia, pois era um fio mais grosso e mais áspero. Após passar por isto tudo de ser fiado e preparado, o linho ou fica em cru e lava-se com cinza e água quente, só para não perder a cor, ou então é lavado e corado com sabão, durante três semanas. Põe-se a corar, volta-se a pôr cinza e põe-se outra vez a corar e vai-se lavando num tanque até ficar branquinho. Posteriormente, é dobrado e depois de estar dobrado é que vai para o tear. **A tecelagem é uma tradição importante na nossa região? Porquê?** Antigamente, todos os lavradores semeavam linho. Não havia lavrador nenhum que não o semeasse. Talvez seja a tradição aqui da terra e há muito linho, embora existam outras zonas no país onde também há. Aqui toda a gente trabalhava no linho, todos tinham um tear em casa para tecerem o pano liso, que era o que sabiam tecer. Aproveitavam os restos do pano, que cortavam à tesoura, para fazerem as mantas para a cama, tapetes, passadeiras e outras peças. **Acha que esta arte está a desaparecer ou a ganhar novo interesse?** Penso que nesta zona está a desaparecer porque as pessoas novas não querem este trabalho, pois não têm um salário ao fim do mês. A tecelagem é um trabalho que é muito minucioso e não dá para tirar um salário mínimo por mês, como as pessoas gostariam. Há muita gente a ir para fábricas e até os próprios lavradores não semeiam linho. Mas há algumas zonas no país, mais “fechadas” e com lavradores, na região do Minho, onde se produz o linho, embora sejam trabalhos diferentes, porque em



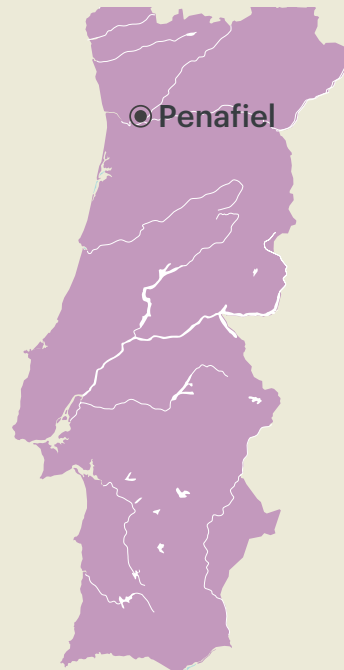
Sinto-me feliz, porque vejo que as pessoas que compram as minhas peças gostam do trabalho que fiz



D. Carolina continua a utilizar o velho tear que lhe foi oferecido pelo pai quando saiu da escola

A roca e o linho na fase de preparação

Peças feitas por D. Carolina no tear



alguns sítios criam cooperativas para não deixarem morrer a tradição e o turismo interessa-se por esta arte. Aqui, embora haja um bocadinho de interesse, as pessoas, de uma forma geral, estão desinteressadas. Há muita gente nova agora com curiosidade em conhecer a arte. No entanto, as pessoas mais velhas que sabem trabalhar o linho estão a morrer. **O que diria a um jovem que quisesse aprender a tecer?** Olha, diria para não desistir, porque isto é uma profissão muito bonita, não se devia deixar morrer. É uma riqueza fora do normal e acho que as pessoas deviam saber valorizá-la, só que têm de levar outro nível de vida, pois não se consegue sobreviver só com a tecelagem. Quando começamos a fazer uma peça, só vamos receber depois de a terminarmos. Nós temos peças que demoram três meses a fazer, por isso temos de saber controlar os gastos e a vida para não chegarmos ao fim do mês sem dinheiro. **Há alguma peça que tenha feito de que se orgulhe especialmente?** Sim, agora trabalho mais em colchas, panos, naperons, toalhas, produtos mais finos. Mas quando era mais novita, quando comecei a trabalhar o linho, tive de trabalhar em tecidos mais grossos, em tiras. Nunca gostei de estar sempre a fazer a mesma coisa, de repetir. Fiz, uma vez, uns tapetes para pôr no *tabelier* de um carro. Um dia, fiz um trabalho para uma senhora que gostava muito dos filhos e gostava muito de me dar modelos. Então fiz um trabalho, todo colorido, que tinha um carro de bois com a camponesa a chamar os bois. E eu adorei fazer esse trabalho, foi um desenho que nunca mais consegui esquecer, porque foi um trabalho muito ruim de fazer, mas ficou muito bonito quando terminei. **Que sentimentos ou ideias tenta transmitir através do seu trabalho?** Através do meu trabalho, tento passar aos outros aquilo que me deram a mim: dar a conhecer um trabalho que é bonito, mas que está a morrer e é pena, pois ajuda as pessoas a relaxar, a sentirem-se úteis... **Como se sente ao ver uma peça feita por si ganhar vida nas mãos de outra pessoa?** Sinto-me feliz, porque vejo que houve interesse e que as pessoas que compram as minhas peças gostam do trabalho que fiz. Sinto-me muito feliz, vendo que me dão valor e que as pessoas apreciam o trabalho que faço.

Vamos fazer um plano Olaria

Cantarinha dos Namorados Dizem que o barro tem memória, mas em Portugal ele tem coração

Alunas da Secundária Francisco de Holanda comprovaram que esta tradição resiste ao tempo. Por Ana Catarina Pinto, Beatriz Bertan, Maria Couto e Rafaela Fernandes, 12.º LH1 (texto e fotos)

A Cantarinha dos Namorados não é apenas um objeto de olaria, é um testemunho silencioso de amor. Quando um rapaz a oferecia a uma rapariga, era um pedido de casamento, não apenas feito de palavras, mas eternizado num objeto moldado à mão e decorado com motivos florais ou geométricos. Se a rapariga aceitasse, a união estava selada. Com o propósito de ficar a saber mais acerca desta tradição vimarense, no dia 20 de abril de 2026, nós as quatro, alunas da turma 12LH1, da Escola Secundária Francisco de Holanda, acompanhadas

pela professora de Português, Fernanda Freitas, entrevistámos entidades ligadas à área da olaria. Falámos com Bruna Ariana Sousa Freitas, artista residente dos fornos da Cruz de Pedra, cuja função dinamizadora permite continuar o legado da cantarinha; e contámos também com a presença de José Pedro Gomes Cunha, mediador cultural da oficina. **A história da cantarinha** A cantarinha existe desde o século XVII. E embora a sua origem permaneça um mistério, ganhou maior ênfase em 1980, graças ao trabalho do mestre Joaquim Oliveira, um grande pioneiro e visionário, que

percebeu que a olaria precisava de se reinventar para sobreviver. Assim, sugeriu inovar, através da decoração dos cântaros, ou seja, as cantarinhas, passando a valorizar o seu carácter estético e simbólico. A importância da Cantarinha dos Namorados foi mudando ao longo do tempo. Durante muitos anos, a olaria estava mais ligada à produção de objetos do dia a dia, como cântaros e panelas, dando-se prioridade à quantidade em vez da decoração, já que as peças decoradas exigiam mais trabalho e não eram tão valorizadas economicamente. Com o passar do tempo, a cantarinha passou a ser vista também como uma peça artís-

De objeto utilitário a cantarinha passou a peça decorativa **José Cunha e Bruna Ariana no Centro de Artes e Ofícios dos fornos da Cruz de Pedra**

Rafaela, Beatriz, professora Fernanda, Maria e Catarina

tica e cultural, surgindo com diferentes tamanhos e formas decorativas, o que ajudou a manter esta tradição viva e a aproximá-la das novas gerações, como explica Bruna Ariana: “As tradições vão acompanhando os tempos e as necessidades. É normal elas fluírem, crescerem, modificarem-se.” A estrutura tradicional é composta por três partes, cada uma com uma função e um significado próprio. O cântaro consiste no corpo principal e corresponde ao recipiente que originalmente servia para transportar água. O prato funcionava como proteção, evitando que impurezas contaminassem a bebida.

Já o púcaro, por sua vez, permitia beber a água sem desperdício, algo essencial numa época em que o acesso à água exigia esforço físico e deslocações frequentes à fonte. Mais tarde, durante o século XX, surgiu um novo elemento, a “passarinha”, [pega em forma de pássaro] que era colocada no topo da peça e simbolizava fertilidade, harmonia, continuidade familiar e a esperança de que o amor não fosse apenas um momento, mas uma herança. Mais do que a sua forma, é o processo que torna a cantarinha especial. Moldada à mão, nasce de uma relação íntima entre o oleiro e o barro, quase como um diálogo, onde

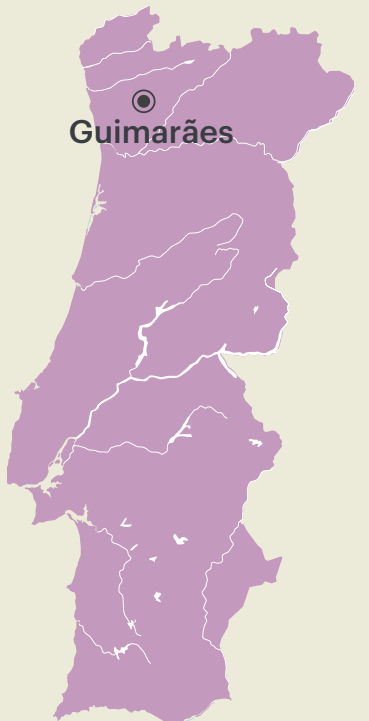
cada peça transporta não só técnica, mas também intenção e emoção. “Eu digo sempre que é quase como criar também um diálogo entre nós e o barro”, reforça a artista residente dos fornos da Cruz de Pedra. Essa relação próxima faz com que a peça vá muito além do seu valor estético. É precisamente essa fusão entre técnica e sensibilidade que contribui para o valor simbólico da cantarinha, quando o objeto deixa de ser apenas funcional ou decorativo e passa a ser portador de identidade, memória e tradição.

O papel da mulher Esta tradição reflete também aspetos importantes da organização social do passado, nomeadamente o papel da mulher. Eram sobretudo elas que iam buscar água à fonte, num momento que era ao mesmo tempo de trabalho e de convívio. Era aí que se encontravam, conversavam e partilhavam experiências. Além disso, a posse de uma cantarinha decorada podia indicar que a jovem estava comprometida, sendo o objeto um sinal visível do seu estatuto. Da mesma maneira, a recusa de uma cantarinha tinha um significado profundo. Bruna Ariana conta o que acontecia quando uma mulher recusava uma cantarinha, ou seja, recusava o casamento. “Recusar algo porque nós o sentimos e queremos é um ato de coragem e, ao mesmo tempo, infelizmente, [visto como] de rebeldia.” Afirmar a vontade própria, contrariando os padrões impostos, implicava enfrentar o julgamento da comunidade”, explica. Ainda assim, acrescenta, é importante reconhecer que esta tradição não deve ser interpretada exclusivamente como uma forma de pressão social. Muitas vezes, já existia um entendimento entre o casal, antes da oferta da cantarinha. Além disso, a relação era marcada por gestos de reciprocidade, como a oferta do Lenço dos Namorados, por parte da jovem.

Com o passar do tempo, a função da Cantarinha dos Namorados foi-se transformando. De objeto utilitário passou a peça decorativa e simbólica. Hoje, já não serve para transportar água, mas continua presente em muitas casas, muitas vezes utilizada para guardar objetos de valor ou simplesmente como elemento decorativo. Esta mudança reflete a capacidade de adaptação da tradição às novas realidades.

Neste sentido, a Cantarinha dos Namorados continua a evoluir. Já não é um símbolo de compromisso amoroso, mas um elemento de identidade cultural e de expressão artística. A sua preservação depende da capacidade de adaptação e da participação ativa da comunidade.

De forma a continuar este legado e a lembrar a tradição, em Guimarães têm sido desenvolvidas várias



iniciativas para garantir a continuidade desta tradição. A criação de espaços dedicados à olaria, como a oficina da Cruz de Pedra, que tivemos o prazer de conhecer, tem desempenhado um papel fundamental. Através de *workshops*, visitas guiadas e atividades educativas, procura-se aproximar o público, especialmente os mais jovens, deste património cultural. Num mundo marcado pela rapidez e pela tecnologia, o contacto com o barro oferece uma experiência diferente. Obriga a respeitar o ritmo da matéria, os tempos de secagem e cozedura, e a aceitar que nem tudo pode ser imediato. Este contraste pode ser precisamente um dos fatores que tornam a olaria tão relevante nos dias de hoje. Num tempo em que tudo parece mudar rapidamente, a Cantarinha dos Namorados permanece como um elo entre passado e presente. Um objeto simples, mas carregado de significado, que continua a contar histórias, não apenas de amor, mas também de identidade, resistência e transformação. A mensagem final deixada pelos entrevistados centra-se na importância da curiosidade. Ser curioso é querer aprender, experimentar e questionar. É essa atitude que permite manter as tradições vivas e significativas. Sem curiosidade, não há evolução; sem evolução, não há continuidade. “Se não tivéssemos curiosidade e espírito crítico, não teríamos nada do que temos hoje”, lembra José Pedro. Há objetos que não pertencem apenas ao passado, pois resistem ao avanço do tempo. A Cantarinha dos Namorados é um deles. A esperança do povo vimarense é que esta tradição permaneça viva e guardada na memória de cada um.

Júlia Muleta

Memória e identidade num cartucho de castanhas

Cinco alunas do Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha encontraram no passado uma ponte para o futuro. *Por Mafalda Alves, Mariana Alves, Rita Madureira (12.º ano), Carolina Letra e Maria Silva (9.º ano)*

Numa folha de papel branco escrevemos “temos um plano”. Mais abaixo escrevemos “Júlia Muleta”. E foi assim que começámos. Fomos procurar ao nosso lado olhares de proximidade sobre uma mulher que marcou Albergaria-a-Velha.

Depois percebemos que podemos ter um plano maior. Percebemos que este pode ser um primeiro passo para um percurso mais longo. Gostávamos que a Escola pudesse ser, ela própria, motor para uma reflexão sobre o nosso património, sobre a nossa comunidade. Queremos saber quem fomos, queremos saber quem somos. Queremos pertencer e construir a nossa identidade. Temos, afinal, um grande plano!

E começámos por aqui, pela D. Julieta Marques da Silva, conhecida por todos como “Júlia Muleta”, falecida em 2020.

Sáímos das quatro paredes da nossa escola de lápis, papel e gravador em punho. Queríamos saber mais sobre quem foi Júlia Muleta. Fomos ao Arquivo Municipal de

Albergaria-a-Velha e fomos também ouvir testemunhos das pessoas que vivem no nosso “km2”.

Seguimos os passos de Júlia Muleta. Nas ruas de Albergaria, na escola, no mercado municipal, ao lado de casa, encontrámos muitas pessoas que se cruzaram com ela e que partilharam connosco, de forma muito genuína, uma boa mão-cheia de memórias.

Foi surpreendente a forma apaixonada como nos falaram de outros tempos, de outros hábitos, de outras gentes. De outra Albergaria.

Sr. Carlos

A Júlia fartava-se de trabalhar. Fazia um pouco de tudo. Foi uma lutadora e nunca teve nada. Penso que lhe chegaram a fazer uma homenagem. Ela era uma figura pública.

Sr. Luís

Não há ninguém em Albergaria que não saiba quem foi a D. Júlia Muleta.

D. Isaura

Andava sempre a pé, a empurrar um carrinho de mão. Vendia fruta

em frente à Pensão Alameda. Na altura das castanhas, vendia-as assadas em púcaro de barro e embrulhadas em cartuchos de cartão.

Foi uma senhora muito simples e muito respeitada. Esteve a viver numa casa muito velha à beira do totoloto e depois numa casinha muito pobre, à beira do talho, em frente aos bombeiros velhos.

Sr. Hélio

A Júlia era humilde e de poucos estudos. Andava sempre de chinelos, com um lenço amarrado na cabeça e de avental. Tinha um bigodito. Vendia produtos de boa qualidade, porta a porta, com um carrinho de duas rodas. E pesava a fruta numa balança de dois pratos que segurava com a mão. Era alegre e simpatizava com todos. Quem passava por Albergaria tinha de a conhecer.

D. Isaura

Teve uma banca na praça e quando não tinha o que vender ia comprar caixas de maçãs a outra banca e depois vendia-as na banca dela. Também andava ao cartão e ao papelão para vender ao quilo.

Sr. do talho, António Ribeiro

Ela estava sempre sentada num murozinho a comer uma maçã da uma macieira que ainda lá está, perto da casa dela. Morava lá na ponta da linha do comboio.

Segurança do mercado

Júlia Muleta: toda a gente a conhecia por esse nome. Era pessoa carismática. Foi mãe solteira. Teve três filhos. Teve uma vida difícil.

Sr. e sra. do talho, Jorge Mesquita e Carla Nazaré (ainda com sr. António Ribeiro)

Vinha cá buscar a salmoura para pôr nas castanhas assadas que vendia ali ao pé do Cineteatro Alba. Dava-lhes aquele gosto diferente.

Vendia sucata, vendia fruta, vendia peixe... Vendia de tudo e morreu na miséria. Muita coisa ela passou...

Mais para o fim perdeu a memória. Só se lembrava de coisas muito de lá de trás, do tempo da sua juventude. É assim a vida.

Sra. da banca Adelino Silva

Ela chamava o meu filho para lhe dar uma castanha, uma fruta, o que



Retrato de Júlia Muleta, a partir de uma fotografia antiga, a preto e branco, agora retocada com recurso à inteligência artificial. Imagem encontrada no grupo público do Facebook "Famílias de Albergaria", publicada por "Albergaria Fda", em 13 de setembro de 2020, ano da sua morte

tivesse. E eu também sempre a ajudei no que pude quando ela tinha assim mais dificuldade. Tinha um carinho muito especial por ela.

Desde que me conheço, associo a Júlia Muleta à venda de castanhas.

Sr. António Ribeiro

Ela chegava muito cedo ao mercado e era sempre das últimas a sair. Catava e carregava tudo para aproveitar. Era sucateira. E era muito boa pessoa. Simples. Humilde. Como já não há muito por aí.

Sra. Sónia Torres

Lembro-me muito bem dela na minha infância. Trabalhou sempre a assar as castanhas.

Hoje em dia já não há Júlias Muletas. Deixa muitas saudades.

O calor das castanhas e o frio dos dias

Albergaria é feita de personalidades. Recuperar as suas histórias é dar vida ao passado.

O que faz uma cidade? Um bairro? Uma rua? Pessoas, com histórias que se abrigam à sombra da História. Os rostos, os hábitos, os gestos ficam muitas vezes inscritos na memória dos mais atentos, dos que são tocados pelo instante que se reveste de diferença entre os gestos repetidos e indiferenciados dos dias.

Júlia Muleta caminhou muitas vezes pela Alameda. Ali ficou horas infindas a vender castanhas, a olhar os que passavam nas suas vidas atarefadas e ininterruptas. Se não estava na Alameda estava no mercado a vender peixe, frutas, e ainda as castanhas. Estas últimas, pelo seu aroma de quentura no meio do outono a anunciar o frio, ficaram coladas ao seu retrato a sépia.

Ao nome de Júlia Muleta acrescentam-se ainda outros - dedicação, constância, autenticidade... A vida não foi cor-de-rosa para esta mulher. Mas, ainda assim, o quadro da sua existência é reconhecível pela comunidade, mesmo pelas gerações mais jovens, que só a conhecem através das palavras que ouviram dos pais, dos avós. As palavras imortalizaram esta mulher de força e de persistência, que ao conforto das castanhas juntava o exemplo da mais heroica humanidade perante as adversidades. Foi cuidadora dos seus, atenta aos outros. Passou e viveu discretamente. Pelas ruas, praças e pelo mercado de Albergaria.

Ficará para sempre na memória e caminhar pela Alameda é andar de braço dado com a sua história. Ou a caminho do mercado ou de regresso a casa.



Albergaria-a-Velha

Arquivo: conhecer o passado para projetar o futuro

Opinião

Hélder Silva

A memória é um dos nossos bens mais preciosos. Tal como no indivíduo, a perda da memória implica a perda da identidade. Os arquivos são serviços criados pela sociedade para salvaguarda da memória.

Uma sociedade que não conserva a sua informação perde a capacidade de compreender o seu próprio percurso.

Os arquivos são os testemunhos vivos do passado. Guardam os originais genuínos, assegurando autenticidade, integridade e fiabilidade das fontes e, como tal, garantem a prova documental necessária para proteger direitos, deveres, responsabilidades, permitindo confirmar factos e assegurar a transparência.

Através dos arquivos é possível saber como e por que razão os acontecimentos ocorreram, compreender os contextos das decisões e evitar repetir erros do passado. Esta dimensão probatória é essencial para a justiça, para a administração e para a investigação histórica e científica e para a garantia dos direitos do cidadão.

Os Arquivos são a nossa memória.

Coordenador do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha

Vamos fazer um plano Arte

Uma escola diferente está a nascer e tudo começa com o projeto Vaivém

Em duas escolas básicas do Agrupamento de Escolas de Trigal de Santa Maria, a arte invade a sala de aula, criando momentos de exploração e criatividade entre alunos e artistas que transformam a forma de aprender.

Por Bruna Faria e Leonor Pinto, 9.º ano

Reportagem

Algo extraordinário está a acontecer no Agrupamento de Escolas de Trigal de Santa Maria, em Tadim, Braga: o projeto Vaivém. Este é um projeto que tem como objetivo dialogar e criar um espaço de trabalho entre alunos do 1.º ciclo e artistas que levam os seus conhecimentos e ideias de trabalho às escolas. Ao longo de sessões semanais, há troca de ideias, de perguntas e respostas, criando um ambiente de partilha e criatividade. Além disso, promove-se a troca de experiências, a descoberta e a vontade de criar um projeto em conjunto. Os alunos são desafiados a explorar objetos do quotidiano, a desmontá-los e a reinventá-los. Assim nasceram uma caixa de música e uma máquina do tempo, por exemplo.

Desenvolvido pelo Circuito - Serviço Educativo Braga Media Arts, o projeto está a ser implementado no agrupamento, enquadrado no Plano Cultural de Escola, com a mediação dos artistas Carlo Giovani, na Escola Básica de Ruilhe, com a turma do 3.º ano; e Marta Pombeiro, na Escola Básica de Fradelos, com a turma B do 4.º ano.

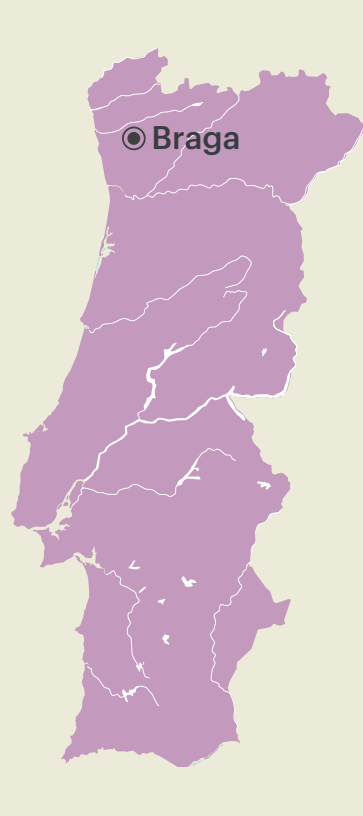
O projeto Vaivém valoriza o tempo, a espera, a dúvida e a criação de aprendizagens que vão além do que é ensinado nas diferentes matérias. Em vez de procurarem respostas imediatas, os alunos têm tempo de testar, de errar e de se abstrair do que os rodeia, fazendo com que se conectem com a sua mente e pensem para além do óbvio.

Em entrevista, um dos dinamizadores do projeto, Carlo Giovani, explicou de que forma esta iniciativa se cruza com o seu percurso artístico e pedagógico. O envolvimento não surgiu por acaso. “Já participo em projetos

educativos com o Braga Media Arts há algum tempo, e este projeto, em específico, vai muito ao encontro daquilo que pratico dentro da arte, tanto no meu trabalho como com as crianças”, diz. Mais do que uma atividade pontual, o Vaivém assenta numa lógica de troca e investigação conjunta, o que tornou a sua participação particularmente relevante.

Numa primeira fase, os alunos desmontaram objetos antigos, explorando as suas peças e possibilidades. Esse processo permitiu-lhes descobrir relações inesperadas entre materiais, sons e movimentos, dando origem a vários trabalhos criativos, como filmes, desenhos e textos. Na segunda fase, surgiu uma nova questão: o que podem estes objetos ser agora? A partir daí, a imaginação ganhou espaço, “é quase uma revelação”.

Santiago Silva e Duarte Gomes, alunos do 3.º ano, realçam: “O Carlo ajudou-nos a aprender a mexer nas coisas, a arranjar e a



desmontar.” Traz ideias novas “e ajuda-nos a perceber mais coisas”.

Um grupo criou uma “máquina-aquário”, baseada na ideia de que “a máquina serve para existir”, desenvolvendo elementos simbólicos como a tinta enquanto “sangue” da máquina. Outro grupo, inspirado por um telefone antigo, construiu uma “máquina do tempo”, relacionando o tempo de discagem com o próprio conceito de tempo. Segundo o dinamizador, estas criações nascem diretamente da exploração

“a arte é uma outra forma de pensar”, destacando o valor do tempo e da liberdade criativa, em que as crianças podem “experimentar, errar e tentar de novo”.

Esta perspetiva é reforçada por outra dinamizadora, a artista Marta Pombeiro. Sublinha que, apesar de

a escola já desenvolver “um trabalho excelente na integração da arte e da cultura”, o projeto acrescenta “um olhar externo e mais disruptivo”, recorrendo a abordagens menos convencionais. Ao trabalhar com objetos do quotidiano, o projeto permite aos alunos dar-lhes “uma nova interpretação”, despertando “uma maior atenção ao meio que os rodeia” e ajudando-os a reconhecer a arte no dia a dia. Destaca, ainda, a importância da ligação com a professora, que possibilita dar continuidade ao trabalho e aprofundá-lo em contexto de sala de aula. As atividades realizadas, que vão desde a exploração da luz e da cor inspirada na artista Lourdes Castro até experiências sensoriais com som, fotografia e materiais diversos, promovem tanto o trabalho coletivo como o desenvolvimento individual.

Em conjunto, estas abordagens reforçam a ideia de que a arte não é apenas um complemento, mas



uma ferramenta fundamental para estimular o pensamento crítico, criativo e autónomo das crianças, através da experimentação e da ligação entre diferentes formas de aprender.

No contexto da sala de aula, o papel das professoras foi fundamental. Uma das docentes,

A máquina do tempo e a caixa de música na fase em que estavam a ser construídas na escola de Ruilhe, com o artista Carlo Giovani como dinamizador. E alunos de Fradelos com a artista residente, Marta Pombeiro



Natália Costa, professora titular do 3.º ano na Escola Básica de Ruilhe, descreve a sua intervenção como essencialmente orientadora, procurando não interferir diretamente no processo criativo: manteve “um distanciamento”, para não condicionar o pensamento dos alunos, intervindo apenas quando necessário. Ainda assim, sublinha o impacto do trabalho em grupo, que ajudou os alunos a “saber esperar, ouvir e respeitar opiniões”, promovendo competências sociais importantes. Apesar de a articulação com as disciplinas nem sempre ser formal, reconhece que os alunos aplicam aprendizagens do projeto em áreas como a escrita e a matemática, sobretudo na resolução de problemas e na planificação.

Trabalhar em grupo “é fixe”

Já a outra docente, Manuela Fernandes, professora titular da turma B do 4.º ano na Escola Básica de Fradelos, destacou o seu papel mais ativo na mediação do processo, assegurando a ligação entre a artista, os alunos e o contexto de sala de aula. Procurou criar “um ambiente propício à experimentação e à reflexão”, incentivando a participação ativa e o desenvolvimento do pensamento criativo. O projeto contribuiu “de forma significativa” para o desenvolvimento de competências sociais, através da partilha, cooperação e diálogo, diz. A colaboração com a artista residente, Marta Pombeiro, foi considerada “extremamente enriquecedora”, marcada por comunicação constante e incentivo à experimentação “sem receio de errar”. A articulação com outras disciplinas aconteceu de forma transversal, ligando a arte ao Estudo do Meio, ao Português e a outras áreas.

Ambas as docentes destacam ainda o elevado nível de motivação e envolvimento dos alunos, bem como a sua evolução ao longo do tempo. Consideram que projetos como este “enriquecem

profundamente a prática pedagógica” e defendem a sua continuidade e alargamento a mais turmas. Mais do que um complemento educativo, o Vaivém afirma-se como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e autónomo das crianças, promovendo uma aprendizagem mais livre, significativa e integrada.

Os alunos de Ruilhe e Fradelos destacam a experiência com os artistas como criativa, prática e diferente das rotinas, valorizando o contacto com materiais, a experimentação e a construção de projetos. Em Ruilhe sobressai o entusiasmo pelo caráter artístico do processo, sobretudo nas fases finais, marcadas pela curiosidade em relação aos resultados e pela criação de máquinas com materiais reciclados, motores e tintas. Em Fradelos é dada maior ênfase à componente experimental e à liberdade de criação que estimulou o interesse pela arte.

Em ambas as escolas, o trabalho em grupo é amplamente valorizado, sendo associado à partilha de ideias, cooperação, entreajuda e melhor qualidade dos projetos, permitindo chegar a resultados mais criativos e organizados. A experiência gerou ainda orgulho, satisfação e envolvimento nos alunos, que se mostraram motivados com a apresentação dos trabalhos. Referem vontade de repetir o projeto, reconhecendo evolução e aprendizagem ao longo do processo e o impacto positivo da abordagem no contexto escolar.

Em Ruilhe, Duarte Rodrigues, Eva Osório e Rodrigo Miguel dão o seu ponto de vista:

- Se tu tivesses de dizer numa palavra como é trabalhar em grupo, como é que dirias?
- É fixe.
- E acham que está a resultar?
- Sim, porque nós estamos a ter ideias muito diferentes e juntando-as fica muito giro.

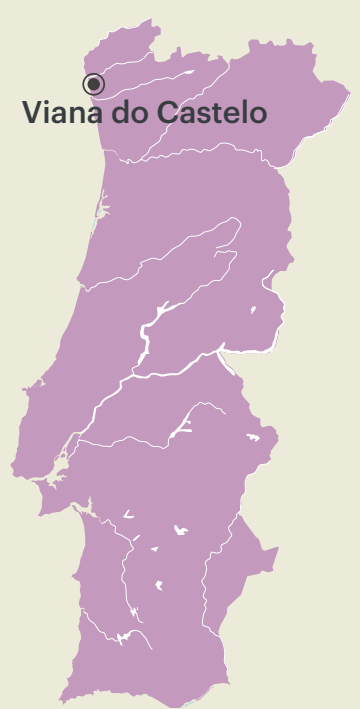
Vamos fazer um plano Gastronomia



CORTESIA: RESTAURANTE SONHO DO CAPITÃO

Um almoço à minhota

Uma seleção especial da gastronomia minhota apresentada por alunos do Colégio do Minho, em Viana do Castelo. *Por Miguel Lima, Pedro Gonçalves e Rodrigo Fernandes, 9.ºB*



Carnes que fazem parte do arroz de sarrabulho

XV, quando Cristóvão Colombo trouxe produtos americanos para a Europa, entre os quais o milho. Antes disso, a broa era feita com centeio. O milho deu-lhe um novo sabor e uma nova popularidade - daí ter chegado aos dias de hoje como a famosa broa de milho. Além de Portugal, também é consumida com frequência em países como Brasil e Espanha.

Arroz de sarrabulho

Um prato principal apetitoso, feito pela diluição de sangue de porco no arroz, ao qual se adicionam diversas carnes e enchidos. A carne proveniente da matança do porco no inverno é, por tradição, uma das utilizadas. Os acompanhamentos incluem batata e a anteriormente referida broa de milho.

A história deste prato remonta ao século XVII, quando terá sido cozinhado pela primeira vez em solares e casas de lavoura de Ponte de Lima. Em 2006, foi criada a Confraria do Arroz de Sarrabulho à Moda de Ponte de Lima, para realçar o valor gastronómico e histórico desta receita única que, até hoje, muitas pessoas escolhem e apreciam.

Em 2024, a União Europeia reforçou a autenticidade do arroz de sarrabulho, reconhecendo-o como Especialidade Tradicional Garantida (ETG).

Vinho verde tinto

O vinho verde do Minho é conhecido pela sua leveza, ligeira efervescência e frescura. Aqui, esta bebida levedada é das melhores encontradas em Portugal e exemplo de uma fração da cultura não só do Minho, mas também de todo o país.

Produzido desde tempos antigos, foi ganhando popularidade. A Região Demarcada dos Vinhos Verdes seria criada em 1908.

Utilizado em festas e celebrações locais, o vinho verde é normalmente associado a pratos tradicionais da gastronomia minhota, como o arroz de sarrabulho, que já descrevemos antes.

Bolas de Berlim

As bolas de Berlim, tão populares em Portugal, tiveram origem na Alemanha. Como chegaram cá? Encontramos a sua história numa ficha de trabalho de um manual [*Lado a Lado*] da Porto Editora: “Foi por volta de 1940, durante a 2.ª Guerra Mundial, que este bolo chegou a Portugal, trazido por famílias judaicas que fugiram da Alemanha e se instalaram em Portugal. As *Berliner* (na Alemanha) tinham tradicionalmente um recheio de doce de frutos vermelhos, que foi substituído pelo típico creme de ovos portugueses. Também existem sem recheio, com recheio de chocolate ou com doce de leite.”

Esta iguaria, “um bolo português com avó germânica”, é muitas vezes polvilhada com açúcar e para muitos considerada indispensável.



PEDRO NATÁRIO

Prestígio

"Sinto-me realizada ao entrar em contacto com o público"

Entrevista

Regina Natário Filha do fundador da Pastelaria Zé Natário, famosa pela Bolas de Berlim e pela Torta de Viana

A Pastelaria Zé Natário é uma das - se não a mais - famosa pastelaria do distrito de Viana do Castelo. Famosa por várias sobremesas e doces regionais, como os sidónios e o bolo-rei, é ainda mais conhecida pela sua especialidade, a Torta de Viana, e pela sua deliciosa receita de Bolas de Berlim. É uma receita relativamente simples, apesar de ser ótima. Na fábrica, as bolas são formadas, fritas, recheadas com creme pasteleiro e envolvidas em açúcar e canela, para depois serem levadas para a pastelaria e vendidas. Para descobrirmos mais sobre esta receita, decidimos falar com a cabeça de todas as operações da pastelaria fundada em 1970, a senhora Regina Natário.

Há quanto tempo está no negócio?

Cinquenta anos. Enquanto estudava já ia praticando com o meu pai ["Zé Natário"]. Agora sou eu que estou à frente da casa.

Gosta do seu trabalho?

Sinto-me muito realizada ao entrar em contacto com o público. Gosto bastante de perceber o que os clientes querem e receber o seu *feedback*. Tentamos sempre ir ao

encontro das suas expectativas, e quando chegam à pastelaria, conseguimos perceber o que procuram. Isso dá-me uma grande satisfação e faz-me sentir que o nosso trabalho vale a pena. Sinto-me muito realizada.

Por curiosidade, como tem uma loja muito conhecida, tem uma conexão com muitos clientes?

Sim, tenho, mas não tenho tempo para muito. Porque isto é assim: quando há muito movimento, uma pessoa tem de atender rápido. Muitas vezes queremos dar um bocadinho de atenção e dá o que se pode naquela altura. O cliente também sabe compreender que estão outros clientes à espera. Mas tentamos explicar as coisas como sabemos.

Aproximadamente, quantas bolas de Berlim vendem?

As vendas variam conforme o dia e o tempo. Em média, são 200 bolas por dia, aumentando nos fins de semana e dias de movimento. Nos dias de chuva, a procura é menor. É preciso planear a produção com cuidado, pois cada etapa leva tempo, e não é possível repor o produto rapidamente sem comprometer a frescura e a qualidade.

Acha que é muito difícil gerir a mão de obra?

Atualmente é bastante difícil.



Regina Natário está agora à frente da pastelaria fundada há mais de cinco décadas

Ninguém quer esta arte, nem trabalhar só sábados e domingos. Temos uma equipa experiente, mas hoje é difícil manter este nível. As pessoas têm vidas ocupadas e é complicado conciliar férias e horários, tornando difícil ter a equipa certa, que é a principal dificuldade. **É em termos de situação financeira?**

Felizmente estamos bem, temos muito trabalho. Tentamos fazer as coisas conforme é preciso, mas graças a Deus conseguimos estar estabilizados.

Considera que esta é a melhor pastelaria da região?

Não classifico a pastelaria como melhor ou pior. Costumo dizer que se os clientes gostam de um produto meu podem gostar de outro de outra pastelaria. Tenho as bolas de Berlim e a torta de Viana, que é atualmente um produto certificado. A Câmara Municipal acompanha o processo, e somos inspecionados de vez em quando, para garantir que tudo é feito corretamente. A qualidade é muito importante, trabalhamos com receitas antigas e procuramos sempre manter o reconhecimento e a satisfação dos clientes.

Tem algum doce favorito?

Temos vários. Depois das bolas e das tortas, temos os sidónios, que são muito procurados. A base da nossa pastelaria é o ovo, a amêndoa, a chila, que usamos nos nossos produtos. Temos também um folhado recheado com doce que é único.

Educamos hoje, transformamos o amanhã

Sonae
Shaping tomorrow, today

Na Sonae, acreditamos no poder da educação. Na sua capacidade de transformar e de construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Por isso, lideramos e apoiamos o desenvolvimento de projetos que promovem o acesso e a qualidade da educação em todas as fases do ciclo de aprendizagem, através de parcerias estratégicas. É com esta motivação, e reconhecendo o poder da informação, que a Sonae se volta a juntar ao Jornal Público e ao Plano Nacional das Artes, atribuindo a alunos de todo o país uma porta de acesso para um mundo em constante mudança.

**Juntos, criamos hoje
um amanhã melhor para todos.**

